

Autoconhecimento e Renovação

Eliete Villela Pedroso Horta

Maria Cristina Minicuci

Olga Maria Fontana

Vera Lúcia Furtado Paschoa

Podem observar que a maioria das pessoas acha a renovação, por exemplo, em forma de uma reforma agrária, em forma de uma reforma do salário dos operários, ou de uma adequada satisfação dos funcionários públicos; sempre está em relação com qualquer ganho externo e isto constitui até um perigo.

Quantas vezes ouvi de pessoas: agora que estão no poder tiram vantagens dos cofres públicos, mas vão ver quando nós chegarmos ao poder, nós saberemos também fazer a mesma coisa. Certamente vão saber fazer a mesma coisa. No mundo inteiro ocorre isto e nas mais diversas classes ocorre isto e nem precisamos ver dessa maneira, através de uma visão política, uma visão social; temos que ver, antes de tudo – já que esta é nossa profissão – por uma visão psicológica. E muitas pessoas, muito mais do que pensamos, por causa do ritmo acelerado, sofrem a atuação dos dinamismos arquetípicos.

E se percebemos a programação desses dinamismos arquetípicos dentro de nossa existência, podemos ver aquela peculiar variedade e aquelas peculiares diferenças, como esses dinamismos, com a mesma frequência, atuam em diversas classes sociais. A recepção desses dinamismos evidentemente está condicionando a manifestação do resultado. E se aceitamos aquilo que Jung diz que “cada ato criativo, cada proposição para fazer algo ou alterar algo, vem do inconsciente”, nesse caso podemos dizer para o mundo inteiro, para cada ser humano: está aberta esta possibilidade de expor-se e assimilar proposições de dinamismos arquetípicos. Se queremos ver isto em termos dinâmicos, uma das proposições, a renovação, é preparar-se para um novo fluxo de dinamismos.

Agora, se a pessoa mal entende isto, como a maioria mal entende e acha que esse novo poder, esse aumento de poder pessoal indica que pode morder uma fatia maior externamente, seja cofre público, seja colocar coisas no banco suíço – só estou dando exemplos – ou outras coisas, com isto está perdendo dolorosamente o seu contato com o dinamismo arquetípico. Isto é quase a mesma coisa como aquilo que vocês conhecem

bem: se tenho um plano que está se esboçando, um plano dentro de mim, por enquanto devo guardar para mim e não falar para todo mundo que este é o meu plano senão deixo vaziar com isto o chamado “vaso hermético”, como diriam os alquimistas. A pressão para realizar o plano está sendo esgotada dessa maneira.

Também, quando esses dinamismos arquetípicos tocam as pessoas, reforçam, energizam, dinamizam as pessoas e a maioria está utilizando isto para obter qualquer vantagem, ter mais poder convincente para o gerente do banco, para sacar mais empréstimo, isto ou aquilo, mesmo dentro dessas situações difíceis, forçando só este lado, deixamos vaziar o dinamismo originador (arquetípico). Porque se a gente não deixa vaziar, os acontecimentos externos estão se compondo de modo correspondente, vamos dizer, à nossa disposição, mas se a nossa disposição compra um palacete, significa um desvio da verba. Isto conhecemos muito bem, nem precisa ser crime, só que se alguém em vez de aproximar-se ao palacete do Self, quer comprar um palacete, uma, duas, três vidas, como diriam os orientais, está prolongando sua necessidade de existir na terra.

E assim adiante. Aqui temos que misturar um pouco certas doutrinas orientais para exemplificar e certas colocações dentro da psicologia profunda. Porque aquilo que Jung fala nesse ponto, o efeito curador, redentor, naturalmente não se refere a uma cura física apenas. Refere-se àquele processo que põe em ordem todos aqueles canais, todos aqueles dinamismos, todos aqueles trajetos que permitem uma convergência dos dinamismos na direção de certa meta, de certo objetivo que, para o ser humano, em termos junguianos, seria o contato mais permanente com o Self. As religiões descrevem isto com outras palavras. E já que a psicologia não é religião, a psicologia descreve isso com essas palavras mais objetivas. E em cada ensinamento podemos encontrar essas ideias.

Eu tenho, por exemplo, um pequeno livro editado em Norte-América, de um arqueólogo, sobre os achados na Suméria, achados arqueológicos. Num dos capítulos, descreve a carta de um pai para seu filho. Até, às vezes, pensava que seria interessante trazer essa carta porque diz as mesmas coisas que os pais hoje: cuidado com teus companheiros, vá regularmente à escola, aprenda tudo aquilo que a escola está te propondo, porque sem aprendizagem não poderá ter papéis fixos na tua vida. Isto foi há 4 mil anos.

Só que os modos do desvio da verba alteraram-se quanto à sua técnica, mas quanto à sua índole são os mesmos. Eu não falo contra, por exemplo, ganhar, ou ter embaixo dos pés uma terra firme ou qualquer coisa desse tipo, mas, por exemplo, uns 10 dias antes, falei com uma pessoa que quis fazer terapia e depois quando notou que infelizmente eu não tenho tempo,

falou sobre as preocupações que são econômicas e dava um pequeno show sobre over, essas coisas, e diz que a vida dele era só isto: bolsa, aplicação, over, open, essas coisas.¹

Depois, quando foi embora, eu pensei: agora, como poderei traduzir isto como um emaranhamento de dinamismos inconscientes, quando todas estas palavras, open, over, aplicar, bolsa, valor e tudo isto tem um significado simbolicamente muito mais profundo.

Agora, o problema não é que a pessoa entrega-se inteiramente a isto, porque se aprendeu isto, se é economista, então tem que fazer isto. Mas a pergunta é: se, ao mesmo tempo, ele sabe fazer internamente over dessas coisas e open para coisas mais internas e aplicar aquilo que estava, dessa maneira, recebendo. E dessa maneira, ser membro aceito e fichado das bolsas de valores espirituais.

Como disse uma vez um lama, quando os russos entraram lá no Tibete e os soldados receberam ordem para matar 20 monges porque eles não quiseram entregar os tesouros e três soldados mataram 20 monges, com um tiro na nuca. E, então, disseram para um dos velhos lamas: “mas que carma esses soldados acumularam!”

-Não acumularam nada porque cumpriram ordens. Dentro da aprendizagem existencial deles, ser soldado significa aprender a cumprir ordens, mas aquele que deu essas ordens para ter tesouros supostos, é outra questão.

Aqui entramos na renovação do autoconhecimento e autoconhecimento significa as pessoas perceberem não só limites, mas aquelas possibilidades de expansão de consciência. Por exemplo, em determinada fase do tratamento psicoterápico, a pessoa terá que aprender a lidar (e não nós vamos definir) com os sonhos, as fantasias, os problemas, as dúvidas, os receios que mostrarão quais são os bloqueios e quais são as aberturas para esta expansão.

Por isso, autoconhecimento, renovação, ou outras palavras semelhantes que descrevem a mesma coisa, não são metas, não são objetivos, apenas descrevem determinadas mini etapas.

Eu talvez já citei uma locução de São Paulo quando falou sobre o desenvolvimento interno e disse: “Assim chegaremos de força para força e de glória para glória”. Isto é, a força tem as suas gradações, a glória tem também as suas gradações. O desenvolvimento humano tem as suas gradações e a exigência dos dinamismos inconscientes obedece a essas gradações; certamente sempre puxa um pouco para que haja um progresso e nas fases aceleradas já nem puxa, empurra.

¹ Sandor se refere aqui a aplicações financeiras na época da grande inflação.

Falei uma vez com um moço que abandonou certo grupo esotérico onde receberam ensinamentos de um instrutor árabe através do médium. Disse o instrutor: “às vezes não terei mais a possibilidade de segurar a vossa mão e convidar para dar mais um passo, mas vou pegar o meu chicote e estalar sobre a vossa nádega e vocês façam um pulo de três metros, em vez de um passo”. O moço ficou tão magoado que largou e disse: “Não quero no meu traseiro estalar chicote mesmo dando um pulo de três metros”. Estava muito ligado à sua nádega, na integridade das suas nádegas, em outras palavras, um pouco da consciência estava ainda no plexo sacral.